

Coluna do Castello

Como Sarney rebateu as críticas ao Brasil

O ex-presidente José Sarney voltou de sua recente viagem ao exterior preocupado com a imagem do país lá fora. Mais na Europa do que nos Estados Unidos, difunde-se a versão de um Brasil assolado por tantos males e desventuras que o tornam mais próximo de nações como Bangladesh do que de nações como a Índia, maltratada por tantos problemas insolúveis, mas governada por uma elite dirigente de primeira classe. Entre os americanos prevalecem as cobranças sobre o mau estado das finanças do país, que o tornam imprestável como recebedor de investimentos.

Na França, Sarney foi recebido por intelectuais, alguns membros da Academia Francesa. De um deles ouviu que não coincide com a imagem que guardara do país em duas ou três visitas o Brasil de que se fala hoje, devastado pela fome, pelas doenças, pela violência nas ruas, a tortura, o tráfico de drogas, o assassinio de menores, a matança de índios, a destruição das florestas. Essa é uma visão que o entristece e que lhe faz supor uma queda tão grande na qualidade de vida que o país teria perdido seu charme tradicional.

Nos Estados Unidos, Sarney pronunciou conferências em algumas universidades e respondeu a muitas perguntas. A mais comum delas era: Quando poderemos voltar a investir no seu país? A resposta do ex-presidente não foi difícil, pois partiu para comparação entre o Brasil de hoje e os países que estariam beneficiados por grande surto de progresso, como os chamados *tigres da Ásia*, Coréia, Hong-Kong, Formosa e Cingapura.

A Coréia, lembrou Sarney, é uma nação dividida; há duas Coréias, a do Norte e a do Sul, ambas governadas por ditaduras contestadas com violência nas ruas. Hong-Kong ainda é uma colônia inglesa e está em processo de reincorporação à China, o que é ameaça certa à sua estabilidade e ao progresso da sua economia. Cingapura também é uma ditadura, politicamente, inviável. E Formosa vive dramas difíceis, como a contestação do domínio chinês sobre a população indígena de taiwaneses e as reivindicações da China, que pretende reocupá-la.

Outras nações oferecem um quadro de dificuldades muito maiores do que as



Leste da Europa está numa hora de indecisão e de imprevisibilidade do seu destino, e mesmo nações ricas, como a Alemanha e a França, vivem problemas, como a formação de minorias étnicas reivindicantes, turcos e poloneses, no primeiro caso, e árabes, no segundo caso. Para não falar do fundamentalismo religioso que dramatiza a vida de tantos povos, principalmente no Oriente Médio.

Dentro desse quadro, a situação brasileira é menos preocupante. O país já atravessou seu "gargalo institucional" e hoje é uma democracia estável. Os conflitos étnicos estão amortecidos ou superados e não há problemas de minorias reivindicantes nem de facções religiosas incompatíveis e inconciliáveis. A crise brasileira seria mera conjuntura econômico-financeira, pois a principal acusação que lhe é feita, vinculada ao movimento ecológico, vai sendo dissipada interna e externamente pela crescente conscientização da sua existência e a formulação de soluções. Além disso, acrescenta, a ecologia não separa. Ela une. Une povos e governos em busca de soluções comuns.

Aos americanos, Sarney assegurou que não há cenário melhor para investimentos de capitais do que o Brasil. Vencida a crise financeira, o país oferece um quadro de estabilidade política, étnica e religiosa, como poucos outros.

Sobre seus projetos pessoais, Sarney descarta a hipótese de que possa disputar no futuro a presidência da República. "Tenho a melhor situação do mundo", disse, "a de ex-presidente. Melhor do que isso só depois de morto, quando cai o ex e serei para sempre o presidente José Sarney". A consciência disso o induz a não pensar em voltar ao governo e lhe reforça a decisão de manter-se afastado de disputas que o envolvam em atritos políticos pessoais. Não pretende alterar sua postura de manter silencioso respeito por seus sucessores, agora e depois.

Seu livro de memórias está praticamente pronto, na primeira parte, embora ainda não revisto. Não se trata de uma autobiografia, mas de lembranças de fatos e acontecimentos de que tenha participado ou dos quais tenha sido testemunha. Antes das memórias, ele pretende publicar outro livro, sobre